



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

AMANDA GOMES DE OLIVEIRA

***JOÃO TERNURA* E OS ELEMENTOS DA NATUREZA: UM ESTUDO DO
ROMANCE DE ANÍBAL MACHADO.**

JARDIM – MS
2019

AMANDA GOMES DE OLIVEIRA

***JOÃO TERNURA* E OS ELEMENTOS DA NATUREZA: UM ESTUDO DO
ROMANCE DE ANÍBAL MACHADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira.

JARDIM – MS
2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AMANDA GOMES DE OLIVEIRA

***JOÃO TERNURA* E OS ELEMENTOS DA NATUREZA: UM ESTUDO DO
ROMANCE DE ANÍBAL MACHADO.**

APROVADO EM: 20 de novembro de 2019.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicius Teixeira
UEMS/Campo Grande

Prof^a Dr^a Joyce Alves
UEMS/Jardim

Prof^o Dr. Volmir Cardoso Pereira
UEMS/Campo Grande

OLIVEIRA, Amanda Gomes de.

João Ternura e os elementos da natureza: um estudo do romance de Aníbal Machado. / Amanda Gomes de Oliveira, Jardim: UEMS, 2019

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim, 20 de novembro de 2019

Amanda Gomes de Oliveira

Este trabalho é fruto da dedicação de meu orientador e fruto, também, da compreensão de minha família aos quais dedico o resultado do meu estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por sua misericórdia, e à minha mãe Beatriz Gomes Ferreira, a quem devo, mais que a vida, a lição de vida que me ensinou desde o nascimento.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira, que sempre me mostrou que podia ser capaz de chegar até aqui, ou seja, na conclusão deste trabalho e que me incentiva a ir além.

Agradeço com emoção ao meu esposo Wellington Santos de Oliveira que sempre me incentivou e apoiou-me nessa caminhada de luta que é a vida acadêmica.

Agradeço também a todas as pessoas e entidades que contribuíram para que eu pudesse desenvolver e concluir este trabalho. E foram muitos os que, de alguma forma, deram essa contribuição. Mencionar todos seria tarefa quase impossível, além de oferecer o risco de uma omissão absolutamente injusta e imperdoável.

Apesar disso, não posso furtar-me a registrar o meu agradecimento aos professores do Curso de Letras Português/Inglês com os quais pude estabelecer uma rica convivência pessoal e intelectual ao longo de todo esse tempo. A cada um deles, por diferentes razões.

Agradeço ainda a todos os funcionários e ao corpo docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, que tornaram possível que eu pudesse fazer esse curso e realizar o meu trabalho de pesquisa.

Agradeço às minhas filhas, Ana Beatriz e Sophia Isabelly, obrigadas a conviver com as tensões, incertezas, angústias, momentos de frustração e de desânimo, sucedendo-se ao longo de meses e meses de estudo, e, por certo, afetando-as de algum modo. A elas dedico a minha alegria por chegar ao fim deste percurso.

Muitos foram os que me ouviram discorrer sobre esse trabalho, que leram parte dos textos, na medida em que eles foram sendo escritos e que contribuíram com suas críticas e sugestões para que eu pudesse seguir trabalhando. A todos estes colegas e amigos não expressamente citados, registro o meu mais profundo reconhecimento.

“Um livro! Mercadoria à venda em toda parte com a alma da gente nua, exposta, cega e surda, mas nua...”

Aníbal Machado em *Parque de diversões*

RESUMO

No ano de 1965 nascia para a literatura brasileira uma obra esperada há mais de quatro décadas, *João Ternura*, publicação póstuma do escritor mineiro Aníbal Machado, editada por Carlos Drummond de Andrade. Em *João Ternura* o autor expressou além de dados autobiográficos, uma narrativa que descreve o ambiente vivido pelos personagens e revela uma relação profunda do protagonista com os elementos naturais: pedra, vento, rio e mar. O objetivo deste estudo foi analisar a relação do protagonista, João Ternura, com o vento, sempre presente nos momentos mais importantes de sua vida, com a pedra, que ele carrega consigo até o desfecho da história, com o rio, na infância, e com o mar que ele tanto sonha conhecer e na fase adulta exerce grande influência em sua vida. Como embasamento teórico foram utilizadas algumas obras do filósofo francês Gaston Bachelard (1990, 1998, 1999, 2001,) bem como dos textos críticos escritos por Renard Peres (1965), Otto Maria Carpeaux, Carlos Drummond de Andrade, Humberto Werneck (1998), Pedro Nava (1978), João Luiz Lafetá (2000), Alfredo Bosi (1980), e as dissertações e teses de Marcos Vinícius Teixeira (2005, 2011), Márcia Azevedo Coelho (2009), Maria Augusta Bernardes Fonseca, Helena Weisz Salles (2006) e Luiza Vilma Pires Vale (2011).

Palavras-chave: Aníbal Machado. *João Ternura*. Elementos da natureza

ABSTRACT

In the year 1965, under edition of Carlos Drummond de Andrade the Brazilian literature, after four decades of expectation, finally met *Joao Ternura*, a posthumous novel of Anibal Machado, a Brazilian writer born in Minas Gerais State. In *João Ternura*, in addition to autobiographical information, the author developed a narrative, which highlights details of the environment surrounding the characters and reveals a deep relationship between the protagonist and the natural elements: stone, wind, river and sea. The objective of this study was to analyze the relationship of the protagonist, João Ternura with those three elements. The wind, which was always present in the most important moments of his life. The stone, which he carries until the end of the story, and finally with the sea, which he dreams to see in person and its influence on Joao Ternura's adulthood life. As theoretical basis were used some works of the French philosopher Gaston Bachelard (1990, 1998, 1999, 2001), as well as the critical texts written by Renard Peres (1965), Otto Maria Carpeaux, Carlos Drummond de Andrade, Humberto Werneck (1998), Pedro Nava (1978), João Luiz Lafetá (2000), Alfredo Bosi (1980), and the dissertations and theses of Marcos Vinícius Teixeira (2005, 2011), Marcia Azevedo Coelho (2009), Maria Augusta Bernardes Fonseca, Helena Weisz Salles (2006) and Luiza Vilma Pires Vale (2011).

Keywords: Aníbal Machado. *João Ternura*. Elements of nature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – A OBRA.....	14
CAPÍTULO II – O VENTO.....	19
CAPÍTULO III – A ÁGUA.....	25
CAPÍTULO IV – A PEDRA.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

Aníbal Monteiro Machado nasceu em Sabará-MG em 09 de dezembro de 1894, foi escritor, contista, professor, tradutor e ensaísta, passou a maior parte de sua infância em Sabará, fez o ginásio em Belo Horizonte e o ensino secundário no Rio de Janeiro. Em 1913, retornou a Belo Horizonte, onde anos mais tarde concluiu o curso de Direito no ano de 1917. Em 1923, voltou a morar no Rio de Janeiro e sua casa tornou-se um ponto de encontro de pessoas importantes para as artes em geral. O crítico Otto Maria Carpeaux disse alguns meses antes da morte de Aníbal Machado:

Nenhuma estatística verificará jamais quantos livros importantes, bons ou sofríveis, qual parte da literatura brasileira entre 1930 e 1960, foram concebidos nas conversas daquela sala da Rua Visconde de Pirajá; e quanta música boa se inspirou nos cantos folclóricos ali ouvidos. (CARPEAUX apud WERNECK, 1998, p.40)

As obras de Aníbal Machado, com as quais ele intercalava a escrita de seu único e esperado romance, são: *Vila Feliz*, do ano de 1944, o *ABC das catástrofes e Topografia da insônia*, em 1951, *Goeldi* em 1955, *Poemas em prosa* de 1955, *Cadernos de João* de 1957, *Histórias reunidas* de 1959, e que em 1965 ganhou uma edição póstuma acrescida de um conto e passou a chamar-se *A morte da porta-estandarte e outras histórias* e, posteriormente tornou a ser renomeado para *A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias*. O romance *João Ternura*, iniciado na década de 1920 e publicado postumamente por Carlos Drummond de Andrade postumamente em 1965.

Nas obras de Aníbal Machado o insólito, por vezes, se liga aos elementos da natureza e está presente, por exemplo, no conto “O iniciado do vento” de 1959, no qual o vento leva de maneira insólita o menino Zeca da Curva que sendo observado pelo engenheiro com quem estudava o vento “parecia embriagado. Arrancou a camisa, estendeu os braços. Permanecia imóvel. Tenso. De repente, ouvi-lhe a exclamação: — Com este eu vou!” (MACHADO, 1977 p.29), e assim o menino nunca mais é visto. Nesse sentido é possível notar que o insólito, de certo modo, se relaciona ao interesse do escritor pelo Surrealismo, temos esta característica, por exemplo, quando Aníbal afirma que “O mal dos poetas foi ter consentido no distanciamento entre o sonho e a realidade. A meu ver, só os surrealistas e seus precursores lutaram contra essa ruptura” (MACHADO, 1994, p. 60 apud TEIXEIRA, 2005, p.73).

O romance *João Ternura*¹ é singular, pois nele Aníbal Machado reuniu realidade e fantasia, durante a leitura podemos observar que, por ter feito parte do movimento modernista que iniciou em 1922, acabou sendo influenciado por importantes acontecimentos históricos da época, como a Revolução de 1930, que é relatada na obra. Nota-se o momento no qual este acontecimento histórico surge na narrativa por meio desta citação: “Ouviram-se tiros espaçados. Uma caminhoneta passou ao longe com gente dando ‘morrás’ à República velha. A nova estava quase a nascer.” (MACHADO, 1965, p.84) Alfredo Bosi afirma que “Seja como for, o intelectual brasileiro dos anos 20 teve que definir-se em face desse quadro: as suas opções vão colorir ideologicamente a literatura modernista”. (BOSI, 1970 p. 341). Além de Bosi, também levaremos em conta as considerações que João Luiz Lafetá faz acerca das duas fases do modernismo no livro *1930: A crítica e o modernismo*.

João Ternura foi objeto de vários estudos por ser uma obra muito importante da literatura brasileira. Seu personagem protagonista enfrenta a vida de maneira intensa, e desde o seu nascimento até sua morte, os elementos naturais o acompanham, como que sendo parte dele. Antes mesmo de seu nascimento com o sofrimento da mãe, que enquanto sentia as dores do parto sentia a presença do vento sentada em uma pedra, até a vida adulta e por fim a morte, esses elementos acompanham o personagem. Vale lembrar que o nome da mãe de Ternura, Liberata, de origem latina, possui o sentido de liberar, soltar. Nesse sentido, temos como proposta apresentar uma análise simbólica dos elementos pedra, vento, rio e mar na obra *João Ternura*, considerando a importância desses elementos na trajetória de vida do personagem protagonista, e estabelecendo relações com cada fase de sua vida.

A pedra, o vento, o rio, e o mar já foram objeto de análise de outros estudiosos. Márcia Azevedo Coelho faz uma análise da pedra e do vento nos contos do escritor, na tese *Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado*. Já Marcos Vinícius Teixeira analisa toda a obra de Aníbal Machado, em sua tese intitulada *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*, e a principal obra do autor, *João Ternura*, em sua dissertação *João ternura: romance de uma vida*. Luiza Vilma Pires Vale, por sua vez, em sua tese *Concepções estéticas em Aníbal Machado: A originalidade criadora em seus contos*, escreveu um capítulo somente sobre o vento e nele ela afirma que “Entre os fenômenos da natureza representados nos contos, o vento é recorrente em algumas narrativas analisadas, podendo ser interpretado sob pontos de vista diferentes.” (VALE, 2011 p. 225). A análise do elemento vento aqui

¹ Imagem da capa da 1ª edição em anexo.

apresentada foi orientada sob o ponto de vista da obra *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento* de Gaston Bachelard publicada em 1943.

Maria Augusta Fonseca em sua tese intitulada *Vento, Gesto, Movimento A poética de Aníbal M. Machado* que a partir dos contos de Aníbal faz uma análise do elemento vento e sua importância na escrita de Machado. Marcos Vinícius Teixeira, em sua tese de doutorado intitulada *Aníbal Machado: Um escritor em preparativos* afirma que “Se *João Ternura* fosse publicado na primeira fase do Modernismo Brasileiro, de fato poderia ter se tornado um livro mais conhecido e dado maior fama a seu autor.” (TEIXEIRA, 2011, p. 9). De acordo com Teixeira, Aníbal por ter sua obra publicada com grande atraso acaba sendo menos lido e menos estudado que outros autores da mesma época como Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Teixeira ao analisar a trajetória das publicações de Aníbal afirma que: “Trata-se de um autor marcado pelo espírito crítico, [...] que interrompia a escrita de seus livros, reescrevia, engavetava e às vezes deixava o texto inconcluso. [...] Sua obra é seu laboratório.” (TEIXEIRA, 2011, p. 17). Em outro momento de sua tese, alega que “*João Ternura* é o livro em que Aníbal Machado mais explorou a arte inacabada.” (TEIXEIRA, 2011, p. 230). Esse ato de engavetar e retomar a escrita de *João Ternura* fez com que muito do que o autor viveu durante esse período se refletisse na obra.

Assim sendo, o objetivo de nosso estudo² é analisar os elementos da natureza com a finalidade de investigar qual seu significado na narrativa, o real sentido que elas exercem na vida do personagem, buscando interpretar nas cenas em que esses elementos aparecem. Uma relação com o momento que o personagem João Ternura está vivenciando, relacionando com os outros personagens envolvidos na obra e com o espaço físico que os envolvem.

Entre as leituras que foram feitas para que esse estudo tenha sido realizado, mencionamos ainda as seguintes obras e estudos: *O desatino da rapaziada - jornalistas e escritores de Minas Gerais*, de Humberto Werneck; *Vento, gesto, movimento A poética de Aníbal M. Machado* no livro, de Maria Augusta Bernardes Fonseca; “Aníbal Machado vida e obra”, de Renard Perez e *Beira-Mar*, de Pedro Nava.

A estrutura deste trabalho possui a organização a seguir: No primeiro capítulo, estudamos a obra *João Ternura*, realizando um resumo da história e introduzindo a análise a ser abordada com a finalidade de contextualizar o leitor acerca do procedimento de escrita da

² Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada de 17/01/2017 a 28/02/2018, sob a orientação do professor Dr. Marcos Vinicius Teixeira, intitulada *João Ternura e os elementos da natureza: um estudo do romance de Aníbal Machado*. Esta monografia também gerou uma apresentação de comunicação intitulada *A pedra e o vento em João Ternura: Um Estudo Do Romance De Aníbal Machado* na VII Semana de Letras - Ensino e pesquisa na área de Letras: desafios e perspectivas da UEMS-Jardim/MS, que ocorreu de 5 a 9 de junho de 2017.

obra, bem como do enredo a ser analisado. Já no segundo capítulo foi realizada a análise do elemento vento pela perspectiva de Gaston Bachelard, bem como foi trabalhada a sua importância do elemento para o movimento da narrativa. No terceiro capítulo a análise do elemento água foi feita considerando todas as manifestações do líquido na narrativa, do rio na infância do personagem ao mar na fase adulta de João Ternura tendo como aporte teórico a obra *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria* de Gaston Bachelard publicada em 1947. Por fim, no quarto e último capítulo analisamos o elemento pedra, que é a base de estabilidade do personagem protagonista, e foi deixado para o final pois tem importância significativa no desfecho da história do protagonista. A análise do elemento pedra foi realizada sob o aporte teórico da obra *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças* de Gaston Bachelard.

1 A OBRA

Aníbal Machado levou décadas para escrever sua obra que, intercalada com várias pausas, crescia aos poucos e foi publicada já com mais de quarenta anos de gestação. Em 1957 o Jornal *Correio da Manhã*, especificamente no dia dois de julho, publica a seguinte charge:



Charge de Moura, publicada no *Correio da Manhã* de 2 de julho de 1957

imagem retirada da 1ª edição de *João Ternura*.

É possível notar que a brincadeira proposta na charge é uma ironia ao nascimento e à demora na publicação da obra, que em 1957 ainda não havia sido publicada, tendo a cegonha representada pela figura de Aníbal Machado enquanto o que deveria ser o bebê é um senhor já de barba e óculos que representa a obra que ao nascer já teria idade avançada.

Aníbal Machado foi procurado por um tempo para divulgar partes da obra tão esperada pela crítica da época (anexo 2). *João Ternura* permanecia um mistério nos braços de seu autor que deixou a seguinte mensagem no prefácio de seu livro:

O fato, pois, de se ter transformado o personagem principal, e por assim dizer único numa espécie de mito familiar para os que privam da intimidade do autor, cria para este livro uma condição especial que espero não seja tomada em consideração. Neste sentido – ressalvadas as reflexões críticas que a longa demora possa sugerir – desejo

que sejam lidas estas páginas sem atenção às circunstâncias históricas da sua tantas vezes interrompida e quase abandonada elaboração. Ao menos assim, não se mostrará o leitor irritado nem, ao contrário, favoravelmente predisposto ante uma obra de que, antes de existir, se falou mais que o devido, à revelia e mesmo a contragosto do autor.

É a ela dirigida menos à inteligência que à imaginação e sensibilidade do leitor. Que ao personagem seja concedido passaporte especial para atravessar sem maiores incômodos o corredor das categorias crítico intelectualistas em curso – o que já é pedir demais. (MACHADO, 1965, p. 6)

Fica clara a vontade do autor de que esta obra seja lida de maneira a se observar seu conteúdo sem ligar a ela os fatores externos de sua produção. Aníbal Machado, consciente da demora na publicação, alerta o leitor das particularidades da obra relacionada aos movimentos históricos que ocorreram durante seus mais de quarenta anos de produção. Infelizmente *João Ternura* foi publicado somente em 1965, após a morte de Aníbal Machado, e esse atraso na publicação fez com que esta obra ficasse aquém das publicadas anteriormente, como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, porém, sua leitura desperta uma vastidão de sentimentos que tornam o romance singular.

João Ternura é uma obra dividida em seis livros, o que foge da tradicional divisão por capítulos, cada livro corresponde a um período da vida do personagem homônimo, João Ternura. A narrativa que se inicia no nascimento do bebê Ternura vai da infância na chácara da família no interior de Minas Gerais à vida adulta do personagem na cidade do Rio de Janeiro.

O primeiro livro registra o nascimento do protagonista, do sofrimento de sua mãe Liberata, às angústias e dores do parto, seus primeiros anos de vida e sua infância na tranquila chácara da família situada em uma cidade tranquila e interiorana. A vida do menino é agitada por suas peraltices e descobertas. Em determinado momento da narrativa, seu pai Antônio resolve enviá-lo para um internato do qual tempo depois ele foge nadando pelo rio. É neste período da vida do menino que ele encontra uma pedra à margem do rio, que será como seu talismã e ele a levará consigo durante boa parte de sua vida.

O segundo livro aborda os problemas financeiros da família que, com as modificações feitas para se ter acesso à cidade como, por exemplo, a construção de uma ponte, acaba sendo financeiramente prejudicada tendo em vista que viviam da locação de barcas para que a população local atravessasse o rio. O menino Ternura sente a diferença no rio que, para ele, agora reina vazio e grande:

OH, o rio amanheceu grande
Suas águas correm
Como se fossem a ventania
Passam toros

Telhados
 Cadáveres
 Desceu um barco sem o barqueiro
 Esta noite rolou
 Uma igreja
 De luzes apagadas
 Vai ver que este rio acaba levando
 Uma cidade inteira
 E já levou a lavadeira
 Que eu queria

Finos ciclistas do sol
 Descendo aos milhões
 Sobre as águas do rio.
 (MACHADO, 1965, p.59)

João Ternura em sua inocência foi capaz de notar que o rio, antes ocupado pelas pessoas que dele faziam uso por meio das barcas, agora está maior, mais vazio, dominado agora por seres inanimados. A cidade grande estava cada vez mais visível para Ternura, podendo ser vista ao longe de seu mundo fechado.

Já no terceiro livro João Ternura já está no Rio de Janeiro, a transição acontece de forma rápida na obra. O livro inicia-se com João Ternura na cidade grande tomando um soco que ele não sabe quem deu nem de onde veio. O soco vem justo no momento que, apreensivo, o agora adulto Ternura tenta encarar a cidade grande e encontra o primo. Frente a frente com o primo, João Ternura sente-se pequeno e deseja ser grande e imponente, como o primo, e a atitude deste para com ele o faz reforçar esse sentimento de pequenez. Então o protagonista afirma que precisa crescer e engordar para ter forças e encarar a cidade grande.

Também é neste livro que o personagem, após passar por momentos difíceis em uma enchente, conhece a personagem que perturbará seus desejos e pensamentos dali em diante: Rita, uma rainha de bateria de escola de samba que o acolhe durante a enchente e por quem ele se apaixona. Na despedida, Rita dá um beijo rápido e quente em Ternura que sai dali decidido a se reconciliar com a cidade que até então apenas lhe trouxe desgostos.

É neste livro também que João Ternura se vê em um momento de guerra na narrativa, a nova república luta para ser instaurada e o personagem em meio a um tiroteio passa a lutar e participar por acaso dessa conquista. Ao conseguir recuperar uma metralhadora em um morro João Ternura é aclamado herói. Pouco depois de se tratar dos ferimentos e observar a cidade pós-combate, João Ternura é flagrado aos beijos com uma menina menor de idade e é levado preso. Os passantes que veem sua caminhada algemado até a delegacia ficam impressionados com o seu tamanho e audácia. Após ser ouvido na delegacia, o personagem é liberado e mais uma vez sente-se injustiçado pela cidade. O beijo dado por Rita o fez se reconciliar com a

cidade, porém a intolerância a um beijo em uma menor o fez novamente se desquitar do Rio de Janeiro por sentir que a cidade o desprezava. Rita, a personagem do momento de reconciliação de Ternura com a cidade, já não mais aparece. O protagonista por sua vez, sente falta da mulher que o encantou:

OH, Bem que ela podia aparecer!
 Rita, vestígio de um universo pressentido. Possibilidade de um encontro maravilhoso.
 Não cabia ter ciúme dela. Como o relâmpago e as aves no espaço, Rita não pertencia a ninguém.
 Esperada era sempre. Como dádiva do acaso, não apenas como objeto de ansiedade ou exigência dos sentidos.
 Mas Rita não aparecia! ... (MACHADO, 1965, p.104)

Neste momento da narrativa, sentindo-se sozinho, Ternura vê-se ainda mais perdido sem Rita, sem a chácara, sem o rio, sem a família, e a cidade grande cada vez maior. Em dado momento o personagem precisa trocar um cheque e após muitas dificuldades dentro do banco e sem conseguir trocá-lo e após ser enganado por duas belas moças em um restaurante, Ternura encontra seu amigo Matias que sugere ao protagonista tentar conseguir uma aposentadoria do governo por conta de uma cicatriz dos tempos de combate. Ternura tenta falar com o Ministro mas é por ele humilhado e descarrega a raiva em uma conversa com seus amigos Matias e Pepão:

Este Ministro não tem nenhuma importância para mim. Mas tinha toda razão quando me botou para fora. E seu olhar de desprezo me humilhou... me humilhou porque tudo o que eu fiz partia de uma fraude. Era uma farsa para ajudar vocês. E foi a minha fraqueza. Dei a cambalhota, sim. De alegria. Por me ver livre de vocês, do Ministro, e do vexame. Deixem a minha cicatriz em paz e vão para o inferno. (MACHADO, 1965, p. 120)

É neste livro também que o personagem encontra Luísa, uma mulher por quem sentirá atração e que é irmã de Manuel, outro amigo do personagem. Posteriormente essa atração se transformará em um sentimento mais puro e Ternura passa a sentir em Luísa um ombro mais que amigo.

O livro quatro é um livro que narra uma situação extremamente depressiva na vida do personagem, que é a morte de seus pais. O personagem sente saudades da chácara, da vida no interior, não se estabiliza emocionalmente, passa por várias decepções amorosas, as mulheres nunca permanecem na vida de João Ternura, sempre vem e vão como o vento. Neste momento da narrativa é possível encontrar um trecho que especifica muito bem o momento da vida do personagem:

OS MITOS SUBSTITUTIVOS – Os pais então eram eternos, mundo não mudava. Os seres e objetos, sagrados. Havia as instituições. A igreja. O cirurgião. O gatuno da noite. A locomotiva. Os antepassados. O avô ‘almirante’. O Sr. Bispo. A mulher da vida. As batalhas da gravura. A coroação da Virgem Maria. O jornal do comércio. O mistério entre as coxas da arrumadeira, pólo dos seus desejos – tudo magicamente existindo. (MACHADO, 1965, p. 128)

O mundo era diferente dos tempos de criança. As coisas não aconteciam como o personagem queria e o fato de sempre tentar fazer com que a vida no Rio de Janeiro melhorasse e nada dar certo é motivo de grande frustração. Porém, ao mesmo tempo faz com que Ternura reflita sobre questões que apenas tornam o mundo o mesmo de sempre. A diferença é que agora o personagem passa a ter mais maturidade para compreender algumas situações.

Rita reaparece no livro cinco e a paixão de João Ternura por ela pode ser consumada pelo ato da relação sexual que os dois têm no alto de um prédio. Mesmo que tenha acontecido enquanto Rita dormia, Ternura sente como se nada mais fosse necessário para viver. Distribui com os elementos da natureza que estão ao redor o prazer e a sensação de ter enfim sua ardente paixão por Rita sendo consumada.

O sexto e último livro é o que conta enfim o desfecho da história do personagem. O carnaval com suas fantasias, músicas, muitas pessoas, mulheres, os amigos, e Ternura em meio a isso tudo consegue observar questões como racismo, aborto, religião, desigualdades. Ou seja, temas sociais se incorporam à obra em meio a um momento de festa e diversão. Ternura passa por uma ilusão de morte, revive, vive mais uma vez amores, tem em Luisinha seu porto seguro, se escandaliza com a vida e com o mundo. A pedra que encontrou na infância, e anteriormente na narrativa entrega como sendo parte dele simbolizando seu coração para Luisinha, agora é encontrada em uma gaveta e ao ser lançada pela janela encerra a trajetória do personagem que desaparece.

Nos capítulos a seguir poderá ser compreendida a análise dos elementos da natureza que foi realizada por meio da leitura do romance, assim como também serão abordadas as diferentes fases emocionais do personagem, da infância à fase adulta, que são influenciadas por estes elementos, iniciando pelo vento, passando pelas águas e por fim a pedra.

2 O VENTO

O vento no romance tem a característica de trazer movimento às cenas. Renard Perez, ao abordar o romance relacionando à vida do autor, encontrou semelhanças em como Aníbal sentia os elementos da natureza e deixava isso transparecer na obra como podemos notar na seguinte citação:

Em *João Ternura*, procuraria o escritor transmitir essa intensidade com que lhe chegaram as primeiras revelações. E, fixando reminiscências, captará bem a maneira como sentia as figuras dos familiares e, sobretudo, essa compreensão com que o menino absorvia os elementos da paisagem, onde a própria matéria inanimada adquiria uma dimensão nova, características humanas. [...]. (PEREZ, 1965, p.xxiii)

O narrador relata o cotidiano do personagem, fazendo com que o leitor se atente a cada detalhe, destacando os momentos em que a natureza age no ambiente e como influencia a vida do menino desde o nascimento. Vários estudiosos abordaram os elementos da natureza nas obras do autor. Helena Weiz Salles, por exemplo, em sua dissertação de mestrado em teoria da literatura comparada, intitulada *João Ternura Testemunho das contradições de um projeto modernista*, realiza uma análise “do ponto de vista das contradições entre os projetos ideológicos do primeiro modernismo e os problemas trazidos pelo processo histórico nacional.” (SALLES, 2006, p. 2). Abordando também outras questões, Salles menciona a relação entre um dos elementos da natureza que muito interessa a este estudo: o vento. Em determinado momento, a autora afirma:

O silêncio das lavadeiras indica o fim do dia de trabalho. Logo elas se aproximam recolhendo o linho. O vento, que antes se ouvia sedoso nos bambuais, agora agita os cabelos de Liberata, os bois vão sendo reunidos e as sombras começam a percorrer a várzea. Nesse fim de tarde, ao pavor supersticioso da cena inicial se sobrepõe a harmonia mítica, em que os fenômenos internos da gestante encontram correspondência nos fenômenos naturais. Liberata volta para casa em trabalho de parto. (SALLES, 2006, p.24)

É na a descrição dos momentos anteriores ao início do trabalho de parto, com a intensidade do vento que, se altera conforme a intensidade das dores da personagem, o momento no qual esse vento pode ser observado não apenas um fenômeno da natureza comum, mas sim um como um elemento importante para o desenvolvimento da narrativa. Nesse sentido, Maria Augusta Bernardes Fonseca, em 1984, escreve sua tese de doutoramento em literatura brasileira intitulada *Vento, gesto, movimento - A poética de Aníbal M. Machado*, Na qual afirma que:

Em Aníbal Machado o percurso do vento, sua atuação sobre a natureza e a imitação deste movimento, conseguido pelo gesto humano, trançam fios diversificados que se deslocam nos caminhos particulares de cada narrativa, de cada texto poético, mas que sem dúvida são linhas de um único desenho (FONSECA, 1984, p.51).

Assim, pode-se notar, de acordo com Maria Augusta, que Aníbal utilizava o vento com o objetivo de trazer o movimento da natureza em momentos que são essenciais na narrativa, e na vida do menino. O filósofo Gaston Bachelard afirma: “A imaginação dinâmica ganha então a dianteira sobre a imaginação material. O movimento imaginado, desacelerando-se, cria o ser terrestre; o movimento imaginado, acelerando-se, cria o ser aéreo” (BACHELARD, 2001, 109). Nesse sentido, a presença do vento e sua relação simbólica com João Ternura, corrobora com as relações entre o vento e os outros protagonistas das obras de Aníbal Machado no sentido de que esse elemento surge como o movimento da narrativa, como afirma Maria Augusta a seguir:

Os gestos, juntamente com os movimentos da natureza, provêm, no artista da perseguição quase obsessiva da mobilidade: o vento, o meneio das bananeiras, a dança das personagens e de objetos personificados [...] a metamorfose menino-vento e a própria construção que dissolve o ritmo uniforme da narrativa. (FONSECA, 1984, p. 13).

Lúcia Machado de Almeida em entrevista para Maria Augusta, nesse sentido, afirma que o vento era uma obsessão nas obras do autor: “Acho que é uma obsessão poética. Porque o vento é uma coisa poética, sem dúvida. E ele era sensível a esse elemento.” (FONSECA, 1984, p. 171). Durante a infância de João Ternura a pedra e o vento surgem, sutilmente, de início, porém já se associando ao personagem principal da obra. Gaston Bachelard afirma acerca do ar em movimento que: “a imaginação substancial do ar só é verdadeiramente ativa numa dinâmica de desmaterialização.” (BACHELARD, 2001c, p. 165) Dessa forma, o vento ao ser analisado como um personagem, viabiliza a imaginação de movimento da narrativa, pois, não é matéria tocável, ou seja, não é substancial mas é ativo e dinâmico. Nesse sentido, no momento em que Liberata está sentindo as primeiras dores do parto e “ouvia-se o barulho sedoso dos bambuais” (MACHADO, 1965, p.7), ou seja, nota-se aí já uma presença leve do vento, porém, ativa, movimentando a narrativa. Quando as dores ficam insuportáveis para Liberata, ela exclama: “— Para, Dona Maria, para! Calaram as duas. Cessou o canto das lavadeiras. Só a fonte prosseguiu no seu rumorejo. Os olhos de Liberata umedeceram-se. Por fim, uma onda de exaltação reanimou-a. Ergueu-se da pedra lisa”. (MACHADO, 1965, p. 8).

A pedra por sua vez, é um elemento material, pode ser tocada, sentida, e Gaston Bachelard afirma que “um elemento material é o princípio de um bom condutor que dá continuidade a um psiquismo imaginante. (BACHELARD, 2001, p. 8). E esse princípio condutor será a base que, trará a sensação de segurança para o protagonista, desde antes de seu nascimento. No momento acima citado, a pedra aparece como que fazendo as vezes de suporte para Liberata.

Ao decidir levantar-se, as dores do parto aumentam, e a intensidade do vento na narrativa passa a aumentar também como podemos observar na seguinte citação: “O vento agitava os cabelos de Liberata” (MACHADO, 1965, p. 9). Ou seja, o vento teve sua intensidade ampliada a ponto de balançar fortemente os cabelos da mãe de Ternura. Podemos observar a relação entre a velocidade do movimento do vento e o aumento das dores de Liberata no momento em que afirma para Dona Maria: “— De muito longe ele [João Ternura] vem vindo... Como este rio, como este vento... Ninguém sabe de onde vem esse vento, Dona Maria.” (MACHADO, 1965, p. 9). A pedra e outros elementos da natureza têm participação fundamental nesse momento também como podemos notar na seguinte citação: “[Liberata] Foi se encaminhando para o mistério, em direção ao quarto. Ouvia o rumor da fonte, de mistura com o barulho das águas do próprio corpo. As dores de seu ventre distribuíam-se pelas raízes das árvores, pelas pedras...” (MACHADO, 1965, p. 9). Neste momento ocorre uma ligação entre a dor que Liberata estava sentindo e a pedra, como que se Liberata dividisse com essa pedra a sua dor.

Liberata caminha até sua casa sentindo intensas dores, e a presença do vento é observada durante o trabalho de parto como que incentivando João Ternura a nascer: “Uma janela abriu-se deixando soltar gemidos, e como o vento a forçasse facilitando a entrada do luar, Nossa Senhora do Parto ficou sem o clarão das velas.” (MACHADO, 1965, p. 12). E enfim depois de uma significativa demora³, João Ternura nasce de acordo com o texto “mirrado, peludo e indignado da vida”. (MACHADO, 1965, p. 12). O menino João Ternura cresce e pode-se observar na narrativa que sua ligação com a natureza é cada vez mais notável. O vento torna-se um ponto de referência para a criança em alguns trechos em que podemos notar o quanto Ternura observava e por vezes deixava-se guiar pelo vento. Bachelard afirma que: “na imaginação dinâmica, tudo se anima, nada se detém. O movimento cria o ser, o ar turbilhonante cria as estrelas, o grito produz imagens, o grito gera a palavra, o

³ Podemos associar essa demora no nascimento do personagem com a demora do autor em publicar esta obra que foi mais de quatro décadas. Em um trecho podemos observar que “Esperado para as cinco da tarde, até às onze da noite Ternura ainda não tinha nascido” Cf. MACHADO, 1965, p. 10.

pensamento. (BACHELARD, 2001, p. 233). E essa animação do pequeno Ternura, que, por sua vez, aparece envolto por uma atmosfera fantástica desejando até mesmo voar, mostra o quanto o movimento do vento auxilia também na construção do protagonista.

O medo, sentimento comum entre as crianças, também mexe com a imaginação, transforma sombras em monstros, e com João Ternura não foi diferente. O vento contribuiu para que a imagem e os sons produzidos por ele na bananeira assustassem o menino que afirma:

É DEPOIS QUE CHOVE, na hora que venta... Na bananeira tem um barulho. Eu não vou lá. Na bananeira tem um gemido. É de uma família que morreu. Depois que chove, na hora que venta, tem um homem esmagando uma mulher. Eu vi e não vou lá. Quando chegarem os meus canhões eu faço fogo na bananeira. É depois que chove, na hora que venta... (MACHADO, 1965 p. 18).

Nesta citação também é possível observar que João Ternura está descobrindo questões sobre sexualidade, e o vento aí pode representar a sensação de ansiedade e medo que o menino sentia em relação a este assunto ainda desconhecido que para ele era um mistério. Outro momento da narrativa é a malhação do Judas. Nesse momento em que as crianças estavam atirando pedras ao boneco e esperando o fogo subir para queimá-lo, o vento aparece novamente de forma intensa no momento em que “O homem [boneco de Judas] já está pendente da forquilha, e como o vento bate mais forte, ele começa a dançar, como quem zomba do perigo.” (MACHADO, 1965 p. 18). Após a cerimônia acabar, mesmo com o desejo das crianças presentes de continuarem fazendo justiça e malhando o boneco, que nesse momento está em chamas, as mães decidem ir embora, e essa decisão é anunciada por um vento dessa vez mais ameno como podemos notar nesta citação: “Que pena ter sido tão rápido. As crianças estão sedentas de sangue, querem mais. Mas soprou um ventinho úmido; as mães se beijam depressa, em despedida.” (MACHADO, 1965 p. 19). Essa diminuição na intensidade do vento que passa de “vento que bate mais forte” a “ventinho” faz com que esse fenômeno da natureza se adeque às intensidades da narrativa. Quando o momento está tenso, crítico, pavoroso, o vento é sempre forte, intenso, já quando as situações se amenizam e a calma se estabelece esse vento tem sua intensidade amenizada ou simplesmente desaparece.

Na fase adulta do personagem, no período em que João Ternura passa no Rio de Janeiro, onde vive como vagabundo, decepção-se e sofre de amores, notamos que o vento sempre está presente, principalmente nos momentos mais tensos da vida do personagem, tanto para denotar e/ou ampliar o sentido de sofrimento que ele passa nas adversidades que enfrenta. Quando observa um prédio arranha-céu, por exemplo, pergunta: “Ó vento, teria sido

você o drástico do edifício?” (MACHADO, 1965, p. 72). Em seguida afirma: “Se vier vento mais forte, ele vai se desprender e começará a voar”. Assim nota-se que por mais admirado que João Ternura esteja com a grandiosidade do prédio, para ele, o vento sempre terá mais poder. Já, Gaston Bachelard, afirma que: “contra o vento o combate é quase sempre sem derrota. Um herói do vento que fosse derrubado por uma rajada seria o mais ridículo dos generais vencidos.” (BACHELARD, 1998, p. 168). E no decorrer da narrativa o personagem, que já teve de enfrentar situações que ainda não estava apto a encarar, afirma: “Eu queria ser que nem um gigante para poder fazer tudo sem esforço, vencer os obstáculos, esmagar os estúpidos. Mas assim como sou, como é que posso?” (MACHADO, 1965, p. 79). Em seguida, João Ternura afirma que gostaria de ter uns setenta quilos “... para suportar a pressão do mundo em meu peito, receber a ventania sem perder o equilíbrio...” (MACHADO, 1965, p. 79). A ventania aqui pode ser interpretada como as adversidades desse novo mundo, que já não tem mais a paz e a tranquilidade do interior e de acordo com a citação de Bachelard perder para o vento pode significar ceder ganho às adversidades.

Outro episódio significativo ocorre quando, por conta de um beijo dado em uma moça menor, Ternura é levado preso. Na delegacia após enfrentar muita burocracia de assinatura de papéis para responder pelo ato considerado obsceno notou que “Pontas de cigarro no corredor se levantaram em renovada atrás dele. Tinha quase certeza de que eram movidas por intenção maligna, não pelo vento.” (MACHADO, 1965, p. 92). O vento, para ele, era sempre um aliado como no caso com Marilene, mulher por quem ele se apaixona, mas que de repente desaparece e que em um momento o faz lamentar: “Ah, Marilenezinha, nem que seja pelo ar, pelo vento, ou por telepatia! Dá um sinal, diz onde estás... e se ainda me amas!” (MACHADO, 1965, p. 134).

Pode-se notar que o vento é um elemento que se faz presente na vida dos personagens de Aníbal Machado não apenas em *João Ternura* como nos vários contos em que esse elemento, assim como a pedra, aparece. A pedra e o vento possuem uma grande variedade de interpretações e são também no romance do autor elementos que carregam grande intensidade de sentimento, poesia, e, carregados de intenções, trazendo o insólito e o imaginário tornando a obra ainda mais interessante. Gaston Bachelard afirma que o “imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens, a princípio ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material.” (BACHELARD, 1998, p.126). E essa presença material, porém líquida, é analisada no próximo capítulo no qual a água surge para complementar a natureza poética que os elementos da natureza expressam na obra *João Ternura*.

3 A ÁGUA

Aníbal Machado utiliza em *João Ternura* um dos elementos mais representativos de sua vida em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, a água. Nesse sentido em sua autobiografia cita que “(...) Foi nas águas de um rio histórico, o Rio das Velhas em Sabará, que as lavadeiras nos últimos anos do século passado atiraram o meu umbigo (para que dizer a data?). Esse rio de águas turvas até hoje ainda passa por mim.” (MACHADO, 1959, p.36). Como é possível notar, o Rio das Velhas foi demasiadamente importante e significativo na vida do autor de *João Ternura*, e na obra a importância deste mesmo rio para o personagem protagonista também é notada. Esse elemento da natureza torna-se na obra a representação das ligações do autor com sua infância e sua vida adulta no Rio de Janeiro. Esse é um dos pontos em comum entre a vida de Aníbal Machado e a história de seu protagonista João Ternura.

Gaston Bachelard em sua obra *A água e os sonhos* (1998) caracteriza este elemento de acordo com a “psicologia da "imaginação material" da água — elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes.” (BACHELARD, 1998, p.6). E em *João Ternura* esse elemento feminino se faz, também, na representação das águas no ventre da mãe do protagonista e nas águas do rio que tanto o aproxima da presença materna, e na fase adulta do protagonista no Rio de Janeiro, onde ele, ao sentir falta de Rita, se consola. Já Aníbal Machado em sua autobiografia acerca das águas do Rio das Velhas ainda afirma que:

Da contemplação deste rio, passei à sensação física de suas águas. E antes dos dez anos, comido por um preto, filho ou neto de um dos escravos de meu bisavô, atravessei pela primeira vez a nado. É fácil supor que não dormi aquela noite, tamanha a minha emoção.

[...]Fora a minha primeira vitória contra a natureza. Enormes árvores cercavam a nossa casa. Até a adolescência, passavam muitas horas do dia ou no alto delas ou dentro das águas. Nenhuma leitura. Havia muita coisa que descobrir fora dos livros, no mundo que nos cercava. Pastos, dobras de serra, grotas, córregos, árvores, lagoas e tudo o que vive, canta e se procria neles eram outras tantas descobertas a fazer. Todo esse universo nunca era o mesmo, conforme houvesse sombra ou sol, chuva ou vento. (MACHADO, 2002, p.36-37)

É possível notar na citação acima outro ponto que é presente na vida do autor e na vida do personagem protagonista João Ternura, a presença de uma criança negra que, na obra com o nome de Isaac também acompanha o menino João Ternura nos banhos de rio. Nesse sentido Bachelard afirma que ao analisar o elemento água em obras literárias deve-se levar em conta que “Quando tivermos assim determinado as características superficiais e as características profundas da *água imaginária*, poderemos tentar estudar a composição desse elemento com

outros elementos da imaginação material.” (BACHELARD, 1998, p.18) E em *João Ternura* o elemento água é representado constantemente de forma muito semelhante à representação real que o elemento teve na vida do autor, assim como as águas em *João Ternura* o ligam inevitavelmente a todas as presenças femininas que passam pela vida do personagem.

A água é também, de acordo com Bachelard, um espelho natural que reflete intimidades “Os espelhos de vidro, na viva luz do quarto, dão uma imagem por demais estável. Tornarão a ser vivos e naturais quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação *renaturalizada* puder receber a *participação* dos espetáculos da fonte e do rio.” (BACHELARD, 1998, p. 28). Ao afirmar que via em seus sonhos refletidas no rio as imagens de moças, de criadinhos e primas, Aníbal Machado revela sua subjetividade e reforça que estas imagens estavam em seus sonhos ligadas à representação feminina e como uma “Coisa curiosa; sempre misturadas às águas do rio, dos tanques ou das lagoas.” (MACHADO, 2002, p.37), o que corrobora a citação de Bachelard no que diz respeito ao espelhamento hídrico que a água dos rios produz.

A água tem uma influência significativa na vida do personagem João Ternura, a começar pelo rio de sua infância que o marca para a vida toda em vários aspectos, tanto com boas lembranças quanto com lembranças tristes como a da morte de Mariazinha. O mesmo rio que o menino Isaac mergulhava, e que Ternura alegava “O que ninguém sabe é donde vem esse rio, nem para onde vai. Esse rio é um mistério” (MACHADO, 1965 p. 18). O rio que tanto despertou curiosidade no menino e que ele usou para, mais a frente na narrativa, fugir do colégio interno como vemos no seguinte trecho:

O rio, perto, fora o apelo constante; o sol daquela manhã, o convite.
Pulou a janela, embrenhou-se no mato que margeia o caminho. Chegou às águas, desamarrou a canoa.
Dentro dela foi descendo e se libertando. Os padres vinham atrás. Ouvia o grito deles.
Faltavam cinco quilômetros para avistar a chácara. Remou com mais vontade. Numa curva fechada amarrou a canoa no tronco de uma árvore e atirou-se na água.
Que os padres o imaginassem escondido na brenha, ou afogado!...
Aos poucos foi-se despojando das roupas.
Confiava na correnteza que o ajudaria a libertar-se mais depressa.
Nadando de costas, descobriu que era imensa a concha do dia. Viu a cratera do sol.
E viu o universo em movimento. E se sentiu enorme entre o céu e as águas.
(MACHADO, 1965 p. 62)

Partindo deste trecho podemos notar a importância desse rio para o personagem. O rio alimentava a imaginação de como era o mundo fora dali, e onde o rio ia até se encontrar com o mar. O mar era para João Ternura como uma imensidão sem fim. Na fase adulta de João

Ternura já no Rio de Janeiro e após ter passado por diversas dificuldades, ter conhecido uma grande paixão, Rita, e a ter pedido no tempo, Ternura sai para beber e acaba dormindo e sonhando. Na narrativa do sonho temos a seguinte descrição:

É o mar que bate no paredão com o bico das barcas. [...] Rita filha do mar, espantada de ver trechos de sua coxa em postas de garoupa sobre o mármore das mesas. [...] Rita com sono, querendo se deitar num leito de hortaliças.
Com gosto de sal.
Fria como peixe.
[...]
Rita de pedra, vazando água pelos seios. (MACHADO, 1965, p. 129)

Neste trecho pode-se notar a referência que Ternura tem do mar com relação a Rita. É como se ela tivesse vindo do mar, como se o mar tivesse a importância de trazer as coisas que para João Ternura foram importantes no Rio de Janeiro, assim como o rio trazia lembranças importantes da infância. As mulheres que aparecem na vida de João Ternura em especial estão ligadas às águas Mariazinha na infância no rio, Rita e Marilene no mar. Essa ligação pode ser notada inclusive nos nomes escolhidos para as personagens que em seus radicais possuem palavras que ora remetem ao rio ora ao mar como no caso de Rita que inicia com Ri de rio e Mariazinha que inicia com Mar. O momento que Ternura conhece Marilene é marcante na narrativa, ele a avista deitada na areia da praia e pergunta qual o nome dela. Ao ouvi-la dizer Marilene fica encantado, porém ela precisa ir embora e João Ternura fascinado pela beleza da moça fica dando cambalhotas na areia da praia. Em suas elucubrações Ternura sussurra: “Marilene... sim... Malene não... [...]... lene... lene... ao passo que... ao passo que... ao passo que... oh! A palavra Mar-i-le-ne, comprida... comprida... custa acabar... suave... suave... não explode... e tem mar... Oh, há mar... amar...” (MACHADO, 1965 p. 131) A relação entre o nome de Marilene com o mar encanta Ternura, que é um sonhador, e que na narrativa não se explica como mas inicia uma relação entre ele e Marilene que acaba com o sumiço da moça. Esse sumiço pode ser interpretado relacionando ao nome Marilene, sua relação com o mar, e essa dissolução, acerca disso Bachelard afirma que:

Em especial, a água é o elemento mais favorável para ilustrar os temas da combinação dos poderes. Ela assimila tantas substâncias! Traz para si tantas essências! Recebe com igual facilidade as matérias contrárias, o açúcar e o sal. Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros. Compreende-se, pois, que o fenômeno da dissolução dos sólidos na água seja um dos principais fenômenos dessa química ingênua que continua a ser a química do senso comum e que, com um pouco de sonho, é a química dos poetas. (BACHELARD, 1998, p.101)

Como dissolvida no Mar, água salgada presente na vida adulta do personagem, novamente relacionada a um elemento feminino na obra *João Ternura*, Marilene não aparece mais na obra, assim como Mariazinha que as águas doces do rio dissolvem. A narrativa então segue adiante e João Ternura fica por um tempo solitário novamente, apesar de conhecer muitos personagens diferentes, neste momento da narrativa ocorrem duas intertextualidades, uma com Mário de Andrade e seu *Macunaíma* e outra com Miguel de Cervantes e seu *Dom Quixote*, ambos personagens protagonistas de obras homônimas e que são aventureiros assim como João Ternura. Até que um reencontro com Rita o faz se reconciliar novamente com a cidade que tanto o castiga. O reencontro é uma narrativa repleta de imagens sensuais em que os elementos pedra, vento e mar se reúnem em uma noite na Rua da Glória quando Ternura e Rita se encontram e após uma breve conversa decidem subir o morro parando em um casarão abandonado como pode-se observar a seguir:

[...] Fazia calor. Rita começou a despir-se. De repente, adormeceu. [...] [João Ternura] Primeiro olhou para o conjunto. [...] Caminhou de novo até o patamar de pedra. [...]

Rita infinita, interminável... As duas colinas dos seios empinadas para o céu. Em cima da cidade, na noite quente, a mulher dormia profundamente. Coitadinha, dormia... Se quisesse matá-la ali, ali estava ela, sem defesa. Ela e o mar numa só respiração. [...] Ele se deitou sobre ela, gemeu em cima, penetrou-a.[...] Ternura sentiu as correntes elétricas que a ligavam ao corpo do prédio, à terra toda. A viração soprou, as folhas voaram para longe. Mais calmo, Ternura ouvia agora bater o coração da mulher. (MACHADO, 1965, p. 155)

Pode-se observar por este trecho que os elementos da natureza, que marcaram a vida de João Ternura, retornam unidos em um momento especial da consumação de seus sentimentos por Rita. O mar novamente associado à Rita e a tudo o que o Rio de Janeiro traz como boa lembrança para Ternura além de outros elementos naturais que reaparecem como a árvore que também desde a infância surge nos momentos importantes da vida do personagem. Nesse sentido Bachelard afirma que “A água apaga o fogo, a mulher apaga o ardor. [...] Se logicamente um evoca o outro, sexualmente um deseja o outro. Como sonhar com maiores genitores que a água e o fogo!” (BACHELARD, 1998, p. 106). E no momento da junção carnal de João Ternura e Rita a água então se faz presente em forma de mar, como sempre foi Rita na vida do protagonista, uma paixão que vai e vem como as ondas do mar, além de reforçar a água como elemento de feminilidade importante tanto na obra quanto na vida de Aníbal Machado é possível notar também sua relação com a sexualidade do personagem e o descobrimento de prazeres íntimos que revelam a subjetividade de João Ternura e faz com

que a narrativa da obra siga com fluência. O próximo capítulo abordará como o elemento pedra possui, também, íntima relação com a essência do personagem protagonista.

4 A PEDRA

Analisando a presença da pedra nos momentos iniciais da obra, em que Liberata está com Dona Maria no rio, notamos que no momento que percebe o aumento das dores do parto Liberata “Ergueu-se da pedra lisa”, caminhando para casa “Atravessou o pomar, transfigurada. Esquecera o diálogo com a outra mulher! Esquecera também a mulher.” Ao passo que caminhava conseguia o barulho das águas de dentro de si enquanto “As dores de seu ventre distribuíam-se pelas raízes das árvores, pelas pedras...” (MACHADO, 1965 p. 9). Podemos notar aí a presença da pedra como um elemento que a auxilia compartilhando com ela o sofrimento que a chegada de João Ternura a estava causando.

João Ternura enfim nasce e a família reunida decide escolher um padrão para o bebê, após algumas opções desconsideradas o avô enfim decide “Serás uma espécie de Napoleão, meu neto!” (MACHADO, 1965, p. 11), comparando João ternura a Napoleão. Podemos fazer, então, uma analogia que João Ternura, assim como, Napoleão deixaria seu nome na história através das conquistas que realizaria.

A pedra reaparece na narrativa quando João Ternura já crescido acorda, abre a porta e vai em direção ao rio, pois afirma ouvir a voz de uma pedra que o chama, como podemos notar na seguinte citação:

Desconfio que ela está me chamando, correu até lá, apanhou-a molhada, fresquinha, quase carnal. Parecia que acabava de nascer .
Apertou-a contra o peito, sentiu-lhe a consistência úmida. Úmida do sereno da madrugada ou das próprias águas do rio.
Teria vindo de longe, no tempo e no espaço. E era diferente dos outros seixos rolados. Negra, macia, quase retangular.
Ternura a recebera como mensagem de antigas eras geológicas.
Segurou-a com fervor e a pôs no bolso. Subiu correndo, sentiu que ela lhe transmitia ao corpo estremecimentos de sua matéria milenar.
Entrou ofegante no quarto. E deixou-a escondida debaixo do colchão.
Era uma pedra de uma presença que transcendia sua aparência de pedra.
(MACHADO, 1965 p. 51)

Podemos observar que o encontro apaixonante do menino com a pedra, que ele carregará consigo pelo resto de sua vida, nos permite defini-la agora não mais como mera substância da natureza, mas como um elemento intrinsecamente ligado ao personagem. Essa pedra, que com sua matéria sólida passa pelo tempo, além dos outros elementos, e resiste a todas as manifestações da natureza. É para o personagem que tanto a estima, uma metáfora de seu coração.

Helena Weisz Salles faz uma comparação entre João Ternura e Macunaíma, personagens protagonistas das obras de mesmo nome de Aníbal Machado e Mário de Andrade, que têm um elemento marcante em comum: a pedra. Em sua análise, Salles menciona essa aproximação entre Macunaíma e João Ternura com o elemento pedra e faz uma observação a respeito dos momentos em que a pedra se torna importante e depois dos momentos em que deixa de ser fundamental para ambos.

Pela aproximação com *Macunaíma*, podemos pensar a pedra de *João Ternura*, principalmente no livro I, como símbolo dos valorizados aspectos míticos de nossa constituição nacional – embora ela seja aqui apenas um talismã individual e não um fetiche da cultura ainda com valor coletivo, como na obra de Mário de Andrade. Apesar de ser um fetiche primitivo, a muiraquitã vai parar nas mãos do gigante capitalista Venceslau Pietro Pietra e passa a pertencer ao mundo da mercadoria quando entra para a sua coleção de pedras. Quando Macunaíma formula o seu “não vim no mundo para ser pedra” final e sai de cena também sem morrer, há uma recusa do herói em se identificar com o mundo da mercadoria. Na obra de Aníbal Machado a pedra também muda de figura no último livro, passando de “mensagem de antigas eras geológicas” a símbolo de seu coração e por fim a objeto inútil destituído de sentido. Se a pedra do livro I pulsava cheia de vida, como deveria ser o coração do protagonista infantil, o coração que ele oferece a Luisinha já é um coração enrijecido, mineralizado. A pedra de João Ternura testemunha uma falácia ideológica quando simboliza a passagem da concepção vantajosa do elemento primitivo nacional para a realidade de reificação bruta que o advento do capitalismo industrial trouxe a um país de mentalidade escravocrata. (SALLES, 2006, p. 92)

Nesta citação é notável a importância que a pedra tem na vida do personagem protagonista. Analisando a presença da pedra nos momentos iniciais da obra, ao aumentarem as dores do parto de Liberata ela: “Ergueu-se da pedra lisa”, caminhando para casa “Atravessou o pomar, transfigurada. Esquecera o diálogo com a outra mulher! Esquecera também a mulher.” Ao passo que caminhava conseguia ouvir barulho das águas de dentro de si enquanto” As dores de seu ventre distribuía-se pelas raízes das árvores, pelas pedras...” (MACHADO, 1976, p. 9) Sendo assim, a pedra já desde o início surge como suporte, rocha que fixa e dá segurança ao personagem em seu nascimento.

Em 2005, Marcos Vinícius Teixeira, em sua dissertação de mestrado em Letras intitulada *João Ternura: Romance de uma vida* fez uma relação que também aponta para a pedra, Teixeira afirma que “Um elemento importante do livro consiste em uma pedra que metaforiza o coração e a vida de João Ternura. Encontrada no rio da chácara paterna, essa pedra acompanha o personagem desde a infância.” (TEIXEIRA, 2005, p.87). Em *João Ternura* o protagonista se metamorfoseia em pedra. Mais uma vez pode-se notar a importância dos elementos da natureza na vida de Ternura, que, por vezes na narrativa “Sem mais nem menos, no meio da conversa, entrava numa pedra, transformava-se nela. Muitos

então pensavam que estava aborrecido ou triste. Não: Estava numa pedra.” (MACHADO, 1965, p. 134) Nesse sentido, estando psicologicamente abalado o personagem se apoia na imagem da pedra. Acerca do elemento material Gaston Bachelard afirma que: “um elemento material é o princípio de um bom condutor que dá continuidade a um psiquismo imaginante. (BACHELARD, 2001c, p. 8)”. Tal psiquismo leva o personagem de volta para sua infância, como se o pudesse, em seu interior, se tornar uma pedra para proteger-se da solidão. E então Bachelard afirma que “no trajeto que nos leva de volta às origens, há primeiramente o caminho que nos restitui à infância, à nossa infância sonhadora que desejava imagens, que desejava símbolos para duplicar a realidade. (BACHELARD, 1990, p. 94).” Em *João Ternura* o símbolo da pedra sempre retomará o momento da infância, quando ainda menino Ternura a encontra como afirma Bachelard: “o homem mira-se em seu passado, toda imagem é para ele uma lembrança.” (BACHELARD, 1998, p. 69). Porém adulto, e sem um projeto de vida, Ternura deseja suas raízes, sua solidez da infância, porém sabe que é impossível na realidade e isso o faz ainda mais apático à vida.

A significação dessa pedra na vida de João Ternura se inicia como ponto de partida para uma vida que se apresentava ao menino como que o encorajando a seguir o caminho que ele tanto desejava. Porém, ao crescer e conhecer o mundo, o personagem que antes tinha um deslumbramento com a cidade grande em que tudo acontece e onde o mundo gira como o vento, percebe que o que antes era sólido, imbatível, agora já não pode mais conter a ação da realidade em sua vida.

Já no Rio de Janeiro, Ternura se revolta com a sociedade capitalista representada pela figura de um primo que o esnoba. Ele chega a se sentir tão diminuído que faz uma oração para ficar grande e poder ser visto. Vários fatos acontecem na vida de João Ternura e ele acaba se envolvendo em uma Revolução que podemos observar, por fatos históricos, ser a Revolução de 1930 que é um dado histórico presente na narrativa. Mais coisas acontecem na vida de João Ternura e ele se vê no Rio de Janeiro com grande expectativa ao mesmo tempo em que não se desprende emocionalmente de sua terra natal, em certo momento “Sentiu-se confuso e deprimido. E só melhorou quando começou a ver e ouvir uma árvore da infância na chácara. Passou-se todo para esta árvore” (MACHADO, 1976 p. 97) Mais uma vez pode-se notar aí a importância dos elementos da natureza na vida de João Ternura, quando, usando a citação de Bachelard, podemos perceber “o homem velho na criança, a criança no homem velho.” (BACHELARD, 1999, p.6). E Bachelard ainda afirma acerca da simbologia dos elementos que: “Essas evocações são o signo, não de uma nostalgia de um estado de infância, de uma nostalgia da inocência, mas, sim, da nostalgia das capacidades de maravilhamento da criança

sonhadora e livre, e também capacidade de aprender e se transformar.” (BACHELARD, 1990, p. 16).

Após um tempo, João Ternura conhece Luisinha por quem sente um amor profundo e puro e a quem dá seu bem mais estimado, sua pedra, como pôde ser observado na citação anterior. Vejamos o excerto no qual o protagonista conversa com sua amada:

Uma vez, Luisinha, eu era menino, acordei de madrugada, corri à praia, e vi uma pedra. Ela parecia me chamar de longe. Eu me aproximei pra apanhá-la. Devia estar rolando há séculos no leito do rio. Eu acho que ela se escondia dos outros, e se enterrava na areia toda vez que alguém a via ou que a correnteza ameaçava levá-la. Era uma coisa viva, diferente. Só faltava falar. Eu tinha certeza de que essa pedra me esperava. Toda a vida me fez companhia. E está aqui comigo. Eu a trouxe para você, Luisinha. Fique com ela pra sempre. É como se fosse o meu coração. (MACHADO, 1965, p. 200)

Gaston Bachelard afirma: “Parece que, para a imaginação terrestre, dar é sempre abandonar, tornar-se leve é sempre perder substância, gravidade. Mas tudo depende do ponto de vista: o que é rico em matérias, quase sempre é pobre em movimentos[...]” (BACHELARD, 2001, p. 269) E a pobreza de movimentos é notada quando, João Ternura, não se sente mais interessado em conviver com as pessoas a seu redor, por um tempo desaparece na narrativa, volta após um episódio de quase morte, desaparece novamente e ainda de acordo com Bachelard: “Se a matéria terrestre, em suas pedras, em seus sais, em seu metal é o sustentáculo de riquezas imaginárias infinitas, ela é dinamicamente o mais inerte dos sonhos. (BACHELARD, 2001, p. 269) E é nessa atmosfera de sonho que o romance se encaminha para o desfecho final, Ternura vagueia pelas ruas, observa que não deseja mais viver entre as pessoas na terra. Marcos Teixeira, em sua tese, afirma que há uma dualidade presente na obra que transparece nos elementos da natureza. O autor afirma que “Outra dualidade está no fato de a pedra ser retirada da água, somando-se assim dois elementos díspares. Água e terra se contrapõem, por outro lado, como início e fim.” (TEIXEIRA, 2011, p. 247). E é assim que a obra se encerra, com a presença do vento e da pedra nos momentos finais da narrativa e com relação intrinsecamente ligada ao personagem central, João Ternura, como podemos notar quando o narrador afirma que:

O mundo mudava, e a Ternura não interessava mais viver depois que tudo ficara diferente. [...] Haviam desaparecidos os pontos de referência.[...] À janela dos apartamentos, mulheres velhas e homens aposentados se imobilizam. *O vento cessa.* [...] De repente seus olhos deixam de avistar os últimos sinais da terra. E ele segue para o nada, levando saudades deste mundo. Assim termina o sonho de sua vida. (MACHADO, 1965, p. 224. grifo nosso.)

Assim como a pedra, o vento e o rio estiveram presentes no nascimento do personagem auxiliando no parto, a pedra e o vento aparecem também no momento em que esse personagem deixa de existir. O vento cessa e uma vida se interrompe. Podemos observar a relação entre a pedra e João Ternura, relação esta tão intrínseca que a pedra que ele encontrou no rio anos mais jovem e dera a Luisinha torna a aparecer na narrativa como podemos observar a seguir nos trechos finais do livro:

NUMA CASA DE SUBÚRBIO, a moça de nome Joanita, neta de Luísa, casada com um mecânico do aeroporto, encontra no porão uma caixa com os guardados da avó. Fios apodrecidos, rendas, vidros vazios, papéis amarelados. No fundo, envolta em papel de seda, uma pedra. Lisa, negra, um risco marrom atravessando-a de lado a lado. Para que, aquilo? Guardado em papel de seda, por quê? A moça atira a pedra pela janela. E a pedra, caindo na encosta de uma colina, voltou à terra. Nesse instante, Ternura desapareceu definitivamente. Sem nada, sem ninguém que o lembrasse, era como se nunca tivesse existido. (MACHADO, 1965, p.224)

Essa relação intrínseca entre a pedra e o personagem é corroborada no encerramento da narrativa, com o desaparecimento de ambos. Nesse sentido, Bachelard afirma que:

quando um devaneio, quando um sonho vem assim absorver-se numa substância, o ser inteiro recebe dele uma estranha permanência. O sonho adormece. O sonho estabiliza-se. Tende a participar da vida lenta e monótona de um elemento. Tendo encontrado seu elemento, vem fundir nele todas as suas imagens. Materializa-se. Cosmotiza-se. (BACHELARD, 1998, p. 93)

Gaston Bachelard considera que a terra “com efeito, ao contrário dos outros três elementos, tem como primeira característica uma resistência. Os outros elementos podem ser hostis, mas não são sempre hostis. A resistência da matéria terrestre, pelo contrário, é imediata e constante.” (BACHELARD, 2001, 8). E o fato de a pedra ter sido atirada pela janela e caído na terra mostra que, ali, na terra, seria o ponto de encontro entre personagem e símbolo. E o filósofo Bachelard ainda afirma: “a imaginação é devolvida à sua função vital que é valorizar as trocas materiais entre o homem e as coisas.” (BACHELARD, 1990, p.51) E na cosmovisão da narrativa, João Ternura deixa de existir assim que a pedra, que ele considerava como seu coração, é jogada fora. A pedra e o coração, o vento e a vitalidade do personagem. Ambos enfatizando a cena final no momento em que o vento cessa e a pedra é jogada fora, ou seja, a partir de então o vento não impulsiona mais pelo movimento a vida do personagem, não há mais o que estimular, João Ternura e sua pedra já não existem mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da obra *João Ternura* permitiu-nos compreender que os elementos da natureza, em geral, têm grande importância para a narrativa e desperta um variado leque de interpretações, ressaltando que alguns elementos como a pedra, o vento, o rio e o mar tomam uma proporção maior e chegam a ser tão importantes a ponto de fazerem parte do próprio personagem por vezes ocorrendo metamorfoses entre personagem e elemento e vice versa. Aníbal Machado com sua profunda capacidade de criação consegue em seu único romance se expressar através dos elementos da natureza de maneira que o leitor consegue imaginar e interpretar livre e amplamente e isso é uma característica do autor, que, em outros textos também fazia uso desses elementos.

Na obra *Cadernos de João*, Aníbal Machado explora os elementos da natureza em diversos textos como em “O silêncio por dentro” em que encontramos os seguintes versos: “Sorrir debaixo das águas, Esperar dentro da pedra.” (MACHADO, 2002, p. 9). Pode-se observar aí que é possível fazer uma relação semelhante à feita no romance *João Ternura* em que essas águas no contexto deste poema podem ter a interpretação de problemas, turbulências da vida cotidiana, e a pedra como refúgio e porto seguro. Em “O transitório definitivo” podemos encontrar dois fragmentos que no contexto referem-se à pedra como algo sólido que em não se pode tropeçar, ou seja, em que se pode confiar, “E se acaso tropeço, não é contra as pedras, é contra minha sombra” (MACHADO, 2002, p.35) e em seguida no vento como motivo de medo e de turbulências novamente “Ou tu és um monstro de força, ou bem que me podias ensinar como construístes tua casa mesmo no meio da ventania” (MACHADO, 2002, p.35). Neste trecho, o vento surge como uma ventania que remete a essas situações difíceis da vida.

No texto “Os balões cativos”, encontrado na obra *A morte da porta-estandarte e Tati a garota e outras histórias*, M. Cavalcanti Proença escrevendo sobre a obra de Aníbal Machado afirma:

O autor transmite aos personagens sua sensibilidade à música, ao mistério, ao calor da linguagem. Ataxerxes ‘experimenta a sensação física das palavras. Pena não ser como esses escritores que lidam com elas...’ Até o menino que só conhecia a fala dos ventos, sabe que as palavras importam demais, e nomeia: ‘o vento forte soprado pelos gigantes chama-se ventania; quando fica escuro, chama-se furacão, pior ainda do que a ventania.’ (MACHADO, 1977, p.xx-xxi)

Por meio desta citação é possível observar que esta relação do vento, que também encontra-se no romance, *João Ternura*, leva suas diferentes intensidades para o movimento

da narrativa. No conto “O iniciado do vento,” Aníbal Machado também utiliza o vento com uma grande proximidade com o protagonista Zeca da Curva e o engenheiro José Roberto que em determinado trecho falando sobre Zeca da curva afirma: “Só o vento bastava. Toda vez que começava a soprar mais forte, Zeca da Curva aparecia. De tal maneira, que a figura maltrapilha do desaparecido se tornara para mim como uma promessa de vento.” (MACHADO, 1977, p. 20). Neste momento da narrativa e em outros ocorre uma metamorfose entre o menino e o vento assim como em João Ternura ocorre uma metamorfose entre personagem e pedra. E, nesse sentido vale ressaltar o que afirma Bachelard a respeito dos arquétipos: “é essa contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos; cada sonhador repõe os sonhos antigos em uma situação pessoal. Assim se explica porque um símbolo onírico não pode receber, em psicanálise, um sentido único” (BACHELARD, 1990, p. 174). O que corrobora para perspectiva analisada neste trabalho.

Outro texto importante a ser ressaltado é o poema “Pedra e vento” que está na obra *Seleção em prosa e verso de Aníbal Machado*:

Pedra e vento

Herança do vento
Ascendência de pedra
Entre a pedra e o vento
Do esqueleto ao gemido
A corrente flui.

Do astro ao reflexo
Da pétala à floresta
Entre a boca e o horizonte
Evapora-se a pedra
E o esquife do espaço
Balança vazio.

Balança
Vazio...

Ruínas do Vento... (MACHADO, 1974, p. 105)

Neste poema é possível compreender que a pedra é um elemento importante pois quando o autor utiliza a expressão “Ascendência de pedra” pode ser interpretada como a origem, que a origem dessa energia relatada no conto inicia-se na pedra e tem como herança o vento que é o que resta após a pedra evaporar-se no esquife do espaço determinando assim o fim dessa energia vital. A poética desses versos se estabelece justamente nestes elementos naturais pedra e vento, que tomam proporções por vezes místicas nas obras do autor como ocorre neste poema.

Em *João Ternura*, a pedra que, sai do rio como se chamasse o menino, é um elemento que carrega consigo mensagens de antigas eras geológicas, ou seja, essa pedra que no poema anteriormente citado tem o sentido de início, de eternidade, e até mesmo de antiguidade, também tem esse sentido na obra analisada neste estudo. O vento, ar em movimento, como afirma Bachelard: “[...]é uma matéria pobre. Em compensação, porém, com o ar teremos uma grande vantagem, referente à imaginação dinâmica. Efetivamente, com o ar o movimento supera a substância. Não há substância senão quando há movimento. (BACHELARD, 2001, p. 9). E, nesse sentido, no poema e no conto anteriormente citados, o vento carrega consigo o poder de dar movimento às cenas com seus diferentes graus de intensidade.

Outros elementos da natureza como as árvores, o mar e o rio que juntos são as águas em sua relação de intensa influência na vida do personagem, João Ternura, desde antes de seu nascimento quando as águas do ventre da mãe durante as dores do parto dividiam essas dores com as raízes das árvores e com as pedras, e posteriormente na fase adulta, o mar com sua grandeza está presente nos momentos especiais e nos difíceis, são elementos que em sua intensa significação surgem na obra para torná-la ainda mais rica de poesia e de mistério, o que faz com que o leitor de Aníbal Machado passe a ter uma expectativa e curiosidade de desvendar os vários significados destes elementos em suas obras em geral e em especial em *João Ternura*, que, neste sentido, está especialmente carregado de significações relacionadas a estes elementos.

A recorrência à utilização dos elementos da natureza em geral e em específico da pedra, do vento e das águas nas obras de Aníbal Machado é o que chamou a atenção para dar início a esta pesquisa e também é o que motivou outros estudiosos das obras do autor como já foi mencionado anteriormente neste estudo. Aníbal Machado envolve seus personagens com elementos da natureza não só no romance, que foi objeto de estudo desta pesquisa, mas também em outros textos, seja nos poemas ou nos contos. O autor possui a característica de personificar esses elementos tornando-os personagens significativos nas histórias. *João Ternura* é uma obra que ainda despertará uma grande variedade de leituras e interpretações, e isso se dá por sua qualidade literária.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COELHO, Márcia Azevedo. *Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado*. 2009. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- FONSECA, Maria Augusta Bernardes. *Vento, gesto, movimento A poética de Aníbal M. Machado*. 1984. Tese (Doutoramento em teoria literária) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- MACHADO, Aníbal. *A morte da porta-estandarte e Tati a garota e outras histórias*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- MACHADO, Aníbal. *Cadernos de João*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- MACHADO, Aníbal. *Histórias Reunidas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.
- MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- MACHADO, Aníbal. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.
- NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.
- OLIVEIRA, Amanda Gomes de; TEIXEIRA, Marcos Vinicius. *A pedra e o vento em João Ternura: Um Estudo Do Romance De Aníbal Machado*. In: VII Semana de Letras UEMS, 2017, Jardim MS. VII Semana de Letras Ensino e pesquisa na área de Letras: desafios e perspectivas 5 a 9 de junho de 2017. Jardim: UEMS, 2017. v. 1. p. 34-43.
- PEREZ, Renard. Aníbal Machado: vida e obra. In: *João Ternura*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.
- SALLES, Helena Weisz. *João Ternura: Testemunho das contradições de um projeto modernista*. 2006. Dissertação (Mestrado em teoria literária e literatura comparada) – Universidade de São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *Aníbal Machado: um escritor em preparativos*. 2011. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. *João Ternura: romance de uma vida*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VALE, Luiza Vilma Pires. *Concepções estéticas em Aníbal Machado: A originalidade criadora em seus contos*. 2011. Tese (Doutoramento em Letras) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada, jornalistas e escritores de Minas Gerais*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANEXOS

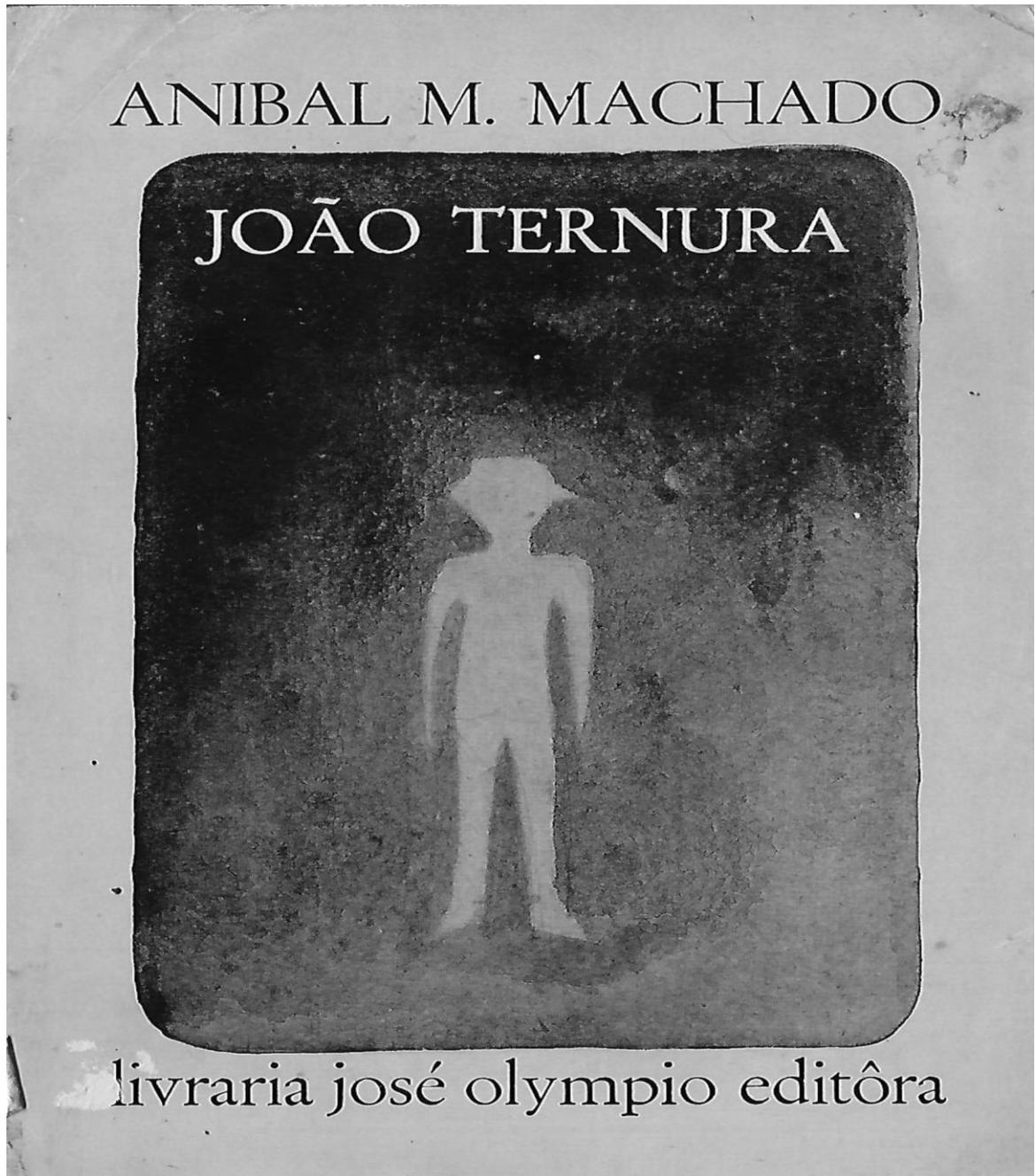


Imagem da capa da primeira edição do romance de Aníbal Machado publicado pela editora José Olympio em 1965



Anibal Machado em outra *charge* de Moura baseada no então lendário "João Ternura". Esta é de 1955, e foi estampada no *Correio da Manhã* de 22 de outubro.

Imagem retirada da 1ª edição da obra João Ternura